Roteiro Turístico Cultural na Área Central da Cidade do Rio de Janeiro: Uma Aprendizagem Empírica*

*Raquel Moniz Colombiano***

Resumo

O objetivo deste artigo consiste em elaborar um roteiro turístico cultural no núcleo da área central da cidade do Rio de Janeiro para alunos do ensino médio, visando ampliar a visão espacial dos estudantes através da associação dos fixos sociais ao patrimônio histórico carioca. O referido estudo contém um maior detalhamento do recorte espacial e dos fixos identificados no roteiro, bem como, uma abordagem sobre a importância do patrimônio histórico na aprendizagem empírica.

Palavras-chave

Área Central; patrimônio histórico; aprendizagem empírica; Rio de Janeiro.

Considerações Iniciais

Atualmente, cresce cada vez mais a necessidade de uma localização, seja ela espacial ou temporal, por parte dos alunos de ensino médio. Isto porque o conhecimento do espaço o qual se vive é vital para a formação de indivíduos mais conscientes de sua realidade, e desta forma capazes de perceber fenômenos ocorridos no espaço urbano. Este é entendido aqui como um "complexo conjunto de usos da terra representando a organização espacial da cidade" (Corrêa, 1989, p. 7).

Sendo assim, o conhecimento de períodos marcantes da história e seu reconhecimento na cidade em que vive podem acrescentar uma visão singular ao aluno que vivencia uma experiência prática, como um trabalho de campo.

Neste sentido, o objetivo deste artigo consiste em elaborar e traçar um roteiro turístico cultural na área central da cidade do Rio de Janeiro para alunos do ensino médio, visando estabelecer uma visão espacial mais ampla, assim como verificar o conteúdo teórico abordado, ajudando os alunos a correlacionarem a história e a geografia do Rio de Janeiro com o espaço vivenciado por eles, criando um pensamento de ordem crítica.

A metodologia está centrada na leitura de bibliografia especializada e pertinente ao tema e ao recorte espacial. A realização de trabalhos de campo e entrevistas com alunos de ensino médio e alguns professores durante o ano de 2002 também estão incluídos nos métodos utilizados para a elaboração deste estudo, os quais foram essenciais no delineamento das conclusões obtidas.

Quanto ao recorte espacial torna-se importante ressaltar que

> *o desenvolvimento de uma proposta de construção de um guia de percurso implica a escolha prévia de alguns critérios para a delimitação do trecho a ser percorrido.*

Entre os critérios que podem ser usados estão a centralidade da área, o caráter histórico, as características físicas do trecho, a concentração de funções, entre outros. É esta definição de critérios que dará ao percurso um especial significado didático (Gelpi e Schaffer, 1998, p. 114).

Deste modo, o recorte adotado foi o eixo da avenida Rio Branco situada no Núcleo da Área Central da cidade do Rio de Janeiro, em função de se constituir no sítio histórico original da cidade, apresentando algumas rugosidades, isto é, construções remanescentes de períodos anteriores, cujo valor é inestimável para o patrimônio histórico da Cidade Maravilhosa.

Neste artigo, haverá um maior detalhamento do recorte espacial e dos fixos identificados no roteiro, bem como, uma breve abordagem sobre a representatividade do patrimônio histórico e a importância da aprendizagem empírica para os alunos de ensino médio.

Isto posto, o artigo encontra-se dividido em quatro partes. A primeira trata de caracterizar e delimitar de forma breve a Área Central da cidade do Rio de Janeiro. A segunda parte procura apresentar a proposta do roteiro turístico cultural a ser realizado, enquanto na terceira são analisados os fixos sociais como atrativos turísticos. Por fim, a quarta parte tem por importância relacionar o patrimônio histórico com a aprendizagem empírica.

1. Caracterização da Área Central da Cidade do Rio de Janeiro

A fisionomia das unidades urbanas reflete as formas diferentes as quais se processou a ocupação do solo urbano, refletindo também, épocas diversas em que essa ocupação de processou. (...) A fisionomia urbana do centro da Cidade é inteiramente diferente da dos subúrbios e dos bairros e, dentro desses, é grande a variedade de aspectos (Soares, 1965, p. 21).

Partindo do princípio que a Área Central apresenta características específicas na sua formação, resultando em uma fisionomia diferente em relação ao restante da cidade, cabe aqui ressaltar seus aspectos mais notórios.

Desta forma, a Área Central, em termos gerais, se caracteriza pela

concentração das principais atividades comerciais, de serviços, da gestão pública e privada e dos terminais de transportes intra-regionais e intra-urbanos. Ela se destaca na paisagem da cidade pela sua verticalização (Corrêa, 1989, p. 38).

Sendo assim, a referida área, pode ser dividida em Núcleo Central e Periferia do Núcleo Central. O primeiro é percebido como espaço de uso intensivo do solo, onde predomina o processo de verticalização, sendo caracterizado como área de decisões, negócios e serviços que atrai um fluxo de pessoas predominantemente diurno.

No tocante à segunda subdivisão, nota-se que abrange uma área maior que a primeira, tendo em vista a concentração de prédios mais baixos que se utilizam mais do espaço, o qual é menos valorizado. Por esta razão, o uso dado ao solo urbano não se faz tão intensivo nesta área.

A partir desta breve conceituação teórica, percebe-se que a Área Central da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro apresenta tais características, e ainda outras peculiares ao referido espaço urbano. Isto posto, o núcleo central da capital fluminense delimita-se pelo eixo da avenida Rio Branco, e seus limites incluem, a grosso modo:

Praça Mauá, Rua Acre, Marechal Floriano, Av. Passos, Praça Tiradentes, Rua da Carioca, Rua Senador Dantas, Praça Mahatma Ghandi, Av. Presidente Wilson, Av. Presidente Antônio Carlos, Rua Primeiro de Março, Rua Dom Gerardo (Duarte, 1968, p. 73).

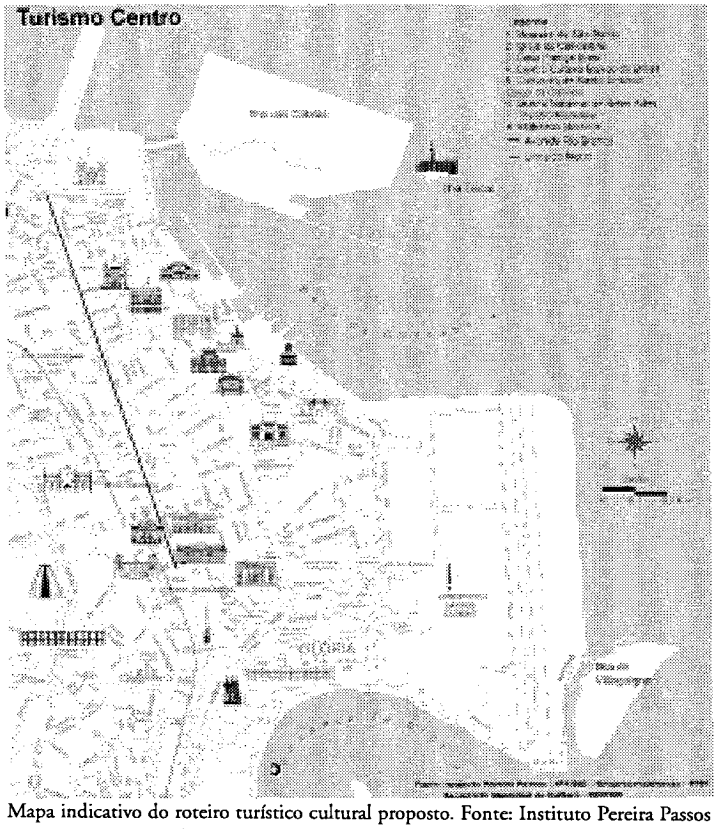
Este artigo, no entanto, detém-se ao estudo de a uma parcela do Núcleo Central do Rio de Janeiro, mais especificamente no eixo referente à avenida Rio Branco, não somente pelo fato de ser a principal artéria e centro financeiro da cidade, como também por conter diferentes estilos arquitetônicos ao longo de tal via.

A seguir, haverá o detalhamento do roteiro cultural traçado na cidade do Rio de Janeiro, o qual foi cuidadosamente elaborado para atender aos alunos de ensino médio.

2. Roteiro Turístico Cultural

O roteiro proposto segue o eixo da Avenida Rio Branco, sendo visitados alguns atrativos essenciais para o entendimento da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro em seus diferentes momentos históricos.

Deste modo, o roteiro tem início pelo Mosteiro de São Bento, seguindo para a Igreja da Candelária, Casa França-Brasil e Centro Cultural Banco do Brasil. Posteriormente, visita-se o Convento de Santo Antônio e o Largo da Carioca. Por último, finaliza-se na Praça Floriano, popularmente conhecida por Cinelândia, nas visitas ao Museu Nacional de Belas Artes, Theatro Municipal e Biblioteca Nacional.



Mapa indicativo do roteiro turístico cultural proposto. Fonte: Instituto Pereira Passos – IPP, 1999 e modificado pela autora em 2003.

Ao longo da terceira parte são definidos conceitos vitais para o pleno desenvolvimento do estudo em questão. Assim como, também são detalhados os fixos sociais adotados neste roteiro, os quais funcionam como atrativos turísticos culturais da Cidade Maravilhosa.

3. Os Fixos Sociais Visitados Como Atrativos Turísticos

Antes propriamente de iniciar esta parte, deve-se lembrar que Santos (2002) concebia o espaço como um conjunto de fixos e fluxos[1]. Para ele "os elementos fixos, fixados em cada lugar, permitem ações que modificam o próprio lugar, fluxos novos ou renovados que recriam as condições ambientais e as condições sociais e redefinem cada lugar" (Santos, 2002, p. 61).

Sendo assim, um fixo social corresponde à materialização dos anseios da sociedade no espaço, visto que "fixos e fluxos, interagindo, expressam a realidade geográfica e é desse modo que conjuntamente aparecem como objeto possível para a geografia" (Santos, 2002, p. 61).

Neste sentido, os atrativos turísticos relacionados no roteiro apresentam-se como fixos sociais e representam para a urbe carioca um valioso patrimônio histórico, em função de apresentar constru-

ções remanescentes de diversos momentos históricos vivenciados pela cidade do Rio de Janeiro. É justamente por este fato que tais atrativos apresentam-se como rugosidades da paisagem urbana. Em a Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção o autor aponta que "as rugosidades não podem ser apenas encaradas como heranças físico-territoriais, mas também como heranças sócio-territoriais ou sócio-geográficas" (Santos, 2002, p. 43).

Isto posto, torna-se importante mencionar que a informação fornecida sobre cada um dos fixos e logradouros consiste em um breve resumo sobre suas principais características – informações presentes no Guia Michelin RJ de 1990 – , à medida que este estudo não constitui uma análise aprofundada de tais construções, ao contrário, procura inseri-los em um contexto sócio-educativo, em que a visita ao patrimônio histórico da cidade do Rio de Janeiro adquire um papel preponderante na formação de um aluno mais consciente de sua realidade.

3.I. Mosteiro de São Bento

Fundado em 1590, por monges vindos da Bahia, o Mosteiro beneditino do Rio de Janeiro foi construído a pedido dos próprios habitantes da recém fundada cidade de São Sebastião. Considerado um dos mais importantes patrimônios da arquitetura brasileira, o conjunto formado pela igreja e pelo mosteiro foi construído nos séculos XVI e XVII possui uma fachada simples com interior em estilo barroco, caracterizado pela predominância de madeira entalhada a ouro.

3.II. Igreja da Candelária

A Igreja da Candelária teve origem em uma capela que Antônio Martins Palma e sua mulher Leonor Gonçalves mandaram construir por volta de 1620, como pagamento de uma promessa feita a Nossa Senhora da Candelária, por terem se salvado de um naufrágio. A construção da igreja iniciou-se em 1775, seguindo o estilo neoclássico predominantemente, aliado a alguns elementos barrocos, sobretudo na fachada. Face ao seu valor histórico e artístico, foi tombada pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

3.III. Casa França Brasil

A Fundação Casa França-Brasil, inaugurada em 1990, é uma instituição sem fins lucrativos, que pertence à Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro. O edifício onde atualmente funciona foi encomendado em 1819 por D. João VI ao arquiteto Grandjean de Montigny, integrante da missão artística francesa com a finalidade de ser uma praça de comércio.

3.IV. Centro Cultural Banco do Brasil

O Centro Cultural Banco do Brasil, situado na rua Primeiro de Março, foi fundado em 1880. Na década de 20, sofreu reformas, passando a pertencer ao Banco do Brasil, tornando-se a sede do mesmo. Durante a década de 60 com a transferência da capital para Brasília, este fixo passou a ser uma simples agência. Posteriormente, resgatando o seu valor simbólico e arquitetônico, o Banco do Brasil decidiu pela preservação do prédio ao transformá-lo em um Centro Cultural o qual foi inaugurado em 1989, transformando-se em pólo multimídia e fórum de debates.

3.V. Convento de Santo Antônio/Largo da Carioca

O Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro foi fundado em 1608, sendo mantido pelos frades franciscanos. Em 1780 inaugurou-se um novo convento. O Convento de Santo Antônio situa-se no Largo da Carioca onde anteriormente havia uma lagoa denominada Santo Antônio. Mais

tarde, esta foi aterrada, construindo-se um chafariz utilizado para o abastecimento de água. Hoje o Largo da Carioca é uma centralidade vital para a dinâmica interna da cidade.

3.VI. Museu Nacional de Belas Artes

Inaugurado em 1938, o Museu Nacional de Belas Artes foi instalado no prédio da Escola Nacional de Belas Artes na Avenida Rio Branco. Em 1908, a Escola ganhou a sede atual, projetada pelo arquiteto Adolfo Morales de Los Rios em estilo eclético. Atualmente, o museu conta com 14.429 peças, reunindo uma importante coleção de arte brasileira do século XIX.

3.VII. Theatro Municipal

Um dos mais exuberantes prédios do Rio de Janeiro, localizado na Praça Floriano (Cinelândia), o Theatro Municipal foi inaugurado em 1909 e, desde então, vem oferecendo uma vasta e seleta programação de peças, comédias, dramas, música, ópera e dança, com celebridades nacionais e internacionais. O projeto arquitetônico inspirado na Ópera de Paris foi de Francisco de Oliveira Passos, com a colaboração de Albert Guilbert.

3.VIII. Biblioteca Nacional

A Biblioteca Nacional guarda a mais rica coleção bibliográfica da América Latina, estimada em mais de oito milhões e meio de peças, realizando, com êxito, a sua missão de captar e preservar o acervo da memória nacional. Foi inaugurada em 29 de outubro de 1910, cem anos depois do decreto real de 1810, data oficial da fundação da Biblioteca Nacional no Brasil.

Na quarta parte deste artigo, discute-se a influência do patrimônio histórico e cultural nas atividades do processo de aprendizagem prática em que os alunos estão envolvidos.

4. A Importância do Patrimônio Histórico na Aprendizagem Empírica

Com a finalidade de ratificar a função turístico-cultural própria do Rio de Janeiro, o conhecimento do patrimônio histórico-cultural da cidade é um fator vital para o enriquecimento pessoal de um aluno, e de extrema utilidade na preservação da memória do lugar, à medida que possuindo conhecimento específico sobre o assunto, o aluno se reconhece como parte integrante da história da sua cidade.

Dessa maneira, o Patrimônio Histórico se apresenta sob a forma de "museus, monumentos, igrejas, edifícios institucionais, comerciais ou residenciais, remanescentes arquitetônicos de momentos passados, que contam por si só parte da história dos lugares" (Cruz, 2001, p. 53).

Com efeito, a monumentalidade do patrimônio histórico carioca é notória, devido à imponência de suas construções e de seu elevado valor artístico-arquitetônico, resultado das diversas reformas urbanas sofridas ao longo de diferentes períodos históricos. Deste modo, os fixos abordados neste artigo possuem um grau de representatividade significativo para a sociedade em geral, em particular, para os alunos que descobrem os encantos da cidade pela primeira vez.

Neste sentido,

> *a cidade e o urbano estão presentes como instrumento de promoção de uma educação que se volta à formação de uma cidadania consciente, atuante, capaz de levar ao aluno a refletir sobre seu papel como agente de construção do espaço através da análise crítica da realidade que o cerca (Schäffer, 1998, P. 110).*

Considerações Finais

Os resultados das explicações fornecidas em campo para os alunos e sua imediata observação compreendem uma melhora significativa na

percepção espacial dos mesmos, desenvolvendo o que se denomina de "Olhar Geográfico", isto é, uma construção de um novo modo de identificar e representar o espaço vivido.

Sendo assim, o trabalho de campo

> *permite, através do registro e da representação do que foi observado, o exercício da criatividade, seja na verbalização ou produção textual, seja na elaboração de desenhos, croquis, maquetes ou montagens de fotos e figuras. Abre os braços para que o aluno ou grupo estabeleça opiniões e faça uma apreciação crítica para a problematização de fenômenos observados, para o estabelecimento de hipóteses e para o encaminhamento à investigação. Ë portanto, um recurso de múltiplas possibilidades de abordagem (temática e interdisciplinar) e de múltiplas perspectivas de exploração no processo de aprendizagem (Gelpi e Schäffer, 1998, p. 113).*

Com efeito, a interdisciplinaridade atua como fator que garante a criação de uma nova percepção do mundo e a conseqüente formação de um pensamento diferenciado dos demais indivíduos, haja vista os diferentes conteúdos abordados e a carga de conhecimentos diversos adquiridos em campo.

Neste sentido, a partir da freqüência de trabalhos empíricos os alunos iniciam um processo de valorização de novas práticas e conceitos os quais não eram notados anteriormente. Cabe ao geógrafo educador despertar, em cada um de seus alunos, o interesse por uma parcela do espaço geográfico, o qual "não apenas revela o transcurso da história como indica a seus atores o modo de nela intervir de maneira consciente" (Santos, 2002, p. 80)[2].

Desta forma, nota-se uma relação singular existente entre os alunos e os trabalhos empíricos: quanto mais cedo se obtiver experiências empíricas, mais fácil torna-se o aprendizado do restante do conteúdo teórico trabalhado em sala de aula pelo educador. Por conseguinte, há uma maior dinâmica durante as aulas, uma vez que o aluno terá meios para propor questionamentos elaborados por si mesmo.

Sendo assim,

> *a geografia que o aluno estuda deve permitir que ele se perceba como participante do espaço que estuda, onde os fenômenos que ali ocorrem são resultados da vida e do trabalho dos homens e estão inseridos num processo de desenvolvimento (Callai, 1998, p. 56).*

Notas

* Esta pesquisa ganhou o prêmio da 2ª Semana de Graduação realizada em 2002. O evento foi promovido pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Aproveito para externar meus agradecimentos ao Prof. Dr. Miguel Ângelo Ribeiro pela orientação na pesquisa e na elaboração deste artigo.

** Estudante do Departamento de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Bolsista do Programa Especial de Treinamento – PET. Encaminhado para publicação em Março de 2003. Aceito para publicação em maio de 2003. E-mail: raquelmoniz@brfree.com.br

[1] A esse respeito consultar a seguinte obra de Milton Santos: A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.

[2] De fato Santos assinala em seu livro Por Uma Outra globalização: Do Pensamento Único à Consciência Universal a importância do espaço geográfico e ainda afirma "É o espaço, isto é, os lugares, que realizam e revelam o mundo, tornando-o historicizado e geografizado, isto é, empiricizado" (Santos, 2002, p. 112).

Referências Bibliográficas

CALLAI, Helena Copetti. O Ensino da Geografia: Recortes Espaciais para Análise. In: CASTROGIOVANI, Antônio Carlos, et al. *Geografia em Sala de Aula*: Práticas e Reflexões. Porto Alegre: AGB – Seção Porto Alegre, 1998. 185 p. p. 55-60.

CORRÊA, Roberto Lobato. *O Espaço Urbano*. São Paulo: Ática, 1989. 94p.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza. *Introdução a Geografia do Turismo.* São Paulo: Roca, 2001. 182 p.
DUARTE, Aluízio Capdeville. O Centro de Atividade da Metrópole. In: *Curso de Geografia da Guanabara.* Rio de Janeiro: IBGE, 1968. 189 p. p. 57-73
GELPI, Adriana e SCHÄFFER, Neiva Otero. Guia de Percurso Urbano. In: CASTROGIOVANI, Antônio Carlos, et al. *Geografia em Sala de Aula*: Práticas e Reflexões. Porto Alegre: AGB – Seção Porto Alegre, 1998. 185p. p. 113-124
GUIA MICHELIN. *Rio de Janeiro*: Cidade e Estado, Rio de Janeiro: CBP Michelin, 1990. 301p.
SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço*: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002. 392 p.
SANTOS, Milton. *Por Uma Outra Globalização*: Do Pensamento Único à Consciência Universal. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002. 174 p.
SCHÄFFER, Neiva Otero. A Cidade nas aulas de Geografia. In: CASTROGIOVANI, Antônio Carlos, et al. *Geografia em Sala de Aula*: Práticas e Reflexões. Porto Alegre: AGB – Seção Porto Alegre, 1998. 185 p. p.105-112

SOARES. Maria Therezinha Segadas. Fisionomia e Estrutura do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Geografia.* Rio de Janeiro, v. 27 n. 3. p. 330-383. jul./ set. 1965.

ABSTRACT

The objective of this research is suggesting a tour around downtown Rio de Janeiro intending the enlargement of college student's world vision. It'll have details of the studying area, the places identified at the tour, besides an approach of the importance of historical patrimony on practice learning.

KEYWORDS

historical patrimony; downtown; practice learning; Rio de Janeiro